Preguiça

Por Raimundo Carrero

Ó que preguiça boa! Exclamam os personagens de Ariano Suassuna deitados em redes estendidas no terraço da casa senhorial sertaneja, enquanto esperam o tempo passar, em meio a goles d’água cristalina e fria, espichando os braços, bocejando. Não é por acaso que a peça se chama a *Farsa da boa preguiça*, que reúne os principais elementos temáticos da obra do autor nordestino, criador do Movimento Armorial.  
  
Pode-se perceber que a peça de Ariano é o elogio da preguiça, desde que seja boa. No entanto, para que seja boa, a preguiça precisa ser necessária, conforme ele próprio destaca. Dessa maneira, a preguiça comporta um aspecto rigorosamente moral – ou seja, é precedida do cumprimento do dever. A preguiça só é mesmo uma “boa preguiça”, festejada e amada, se a pessoa trabalha, trabalha e trabalha de sol a sol, para depois ir à busca do repouso e do prazer. Da preguiça, que encanta e alivia.  
  
No sertão pernambucano, costuma-se dizer que “a preguiça é o alimento da alma”, até porque “o trabalho é o alimento do corpo”. Mas quem disse que o corpo precisa de tanto trabalho assim? De forma que a manhã está reservada para a “labuta”, como se costuma dizer, enquanto a tarde deve ser destinada à preguiça, com a noite inteira para dormir. Mas como?  
  
Dormir não é preguiça? Não, dormir é a recomposição do corpo, é uma questão de saúde. Preguiça é permitir que a alma se encontre com a alegria e o repouso em plena vadiagem. Não esta vadiagem de que fala Zeca Pagodinho: “Vai vadiar, vai vadiar”, que tem uma carga erótica e sexual muito forte. A preguiça, a nossa boa preguiça, a que Macunaíma, de Mário de Andrade, também faz alusões.  
  
Nessa linhagem vem também o poeta pernambucano Ascenso Ferreira: “Hora de comer – comer! Hora de dormir – dormir! Hora de vadiar – vadiar! Hora de trabalhar? – Pernas pro ar que ninguém é de ferro!”. Os versos foram depois transformados em frevo pelo compositor Nélson Ferreira – um clássico pernambucano – e consagrados pelo Brasil inteiro como o grande e belo “Hino da Preguiça Nacional”.  
  
É preciso ter tempo para tudo, para o comer e para o beber, mas para a preguiça o tempo é infinito. Na preguiça, por exemplo, não se pode perder tempo sequer com a comida ou com a bebida, ainda que saborosa. Porque o sabor e o prazer da preguiça estão ligados a outro campo de satisfação. Vêm de outro estado de espírito.  
  
Embora tenha se creditado muito a Dorival Caymmi o título de Rei da Preguiça brasileira, parece-me que se trata de um equívoco, por causa de um modo, de uma maneira, de criar e de cantar. De se apresentar diante da vida e do mundo. Ele era lento, muito lento, mas nem por isso preguiçoso. Parecia ter preguiça até mesmo para abrir a boca e para girar os olhos enquanto cantava.  
  
Neste campo, entra a questão do ócio. Para a maioria dos especialistas, o ócio – na verdade, quase um sinônimo de preguiça – é, em geral, criador. Daí o discurso do ócio criador. Surge assim uma premissa, por assim dizer, unânime: só o ócio é criador. Tese, aliás, defendida por estudiosos e catedráticos. O cientista Viktor D. Salis destaca que o ócio possibilitou o progresso na antiguidade, porque ele restaura a harmonia interior do ser humano.  
  
Tudo bem, desde que ócio não seja preguiça. Ou o ócio é apenas um sinônimo bonito e elegante de preguiça?... Aquela preguiça endêmica de Jeca Tatu, a figura depreciativa de Monteiro Lobato para ironizar o homem brasileiro. O homem brasileiro mesmo, e não apenas o caboclo, como muitos acreditam. Ou acreditaram. Monteiro Lobato é preconceituoso reiterativo, sobretudo com relação às raças que formaram, afinal, a identidade nacional.  
  
O próprio Euclides da Cunha, que admirava muito a força do sertanejo, escreveu em *Os sertões* que o sertanejo é raquítico, magro e amarelo, fraco e preguiçoso, daí porque pode dormir encostado em uma parede ou sentado no chão, em meio a conversas e debates. Sendo assim, para estes escritores, a preguiça parece ser uma herança atávica do homem brasileiro, e não apenas um gostoso ócio criador.   
  
Mesmo assim, para nós, brasileiros, criar não é trabalho, ainda que restaure a vida interior. Estamos sempre dispostos a parafrasear Ascenso Ferreira, o pernambucano gordo e fanfarrão: “Hora de comer, comer; hora de beber, beber; hora de trabalhar, pernas pro ar que ninguém é de ferro”.  
  
Jornalista, romancista e contista premiado, morador do Recife, Raimundo Carrero participou nos anos 1970 da criação do Movimento Armorial, liderado por Ariano Suassuna, e publicou livros como *Sementes do sol – O semeador*, *Somos pedras que se consomem*, e *O senhor agora vai mudar de corpo*.  
  
Gula

Por Paloma Jorge Amado  
  
Dos chamados pecados capitais, o meu preferido é a gula. Adoro! Ela está só uns passinhos adiante da luxúria e da preguiça, na minha predileção. Dos demais, nem quero saber, não se coadunam com o meu caráter. A tal da inveja branca, do bem, que tanto apregoam, é conversa mole para boi dormir, a meu ver é coisa horrorosa, que faz muito mal. Eu, quando invejo (mas é raro), invejo mesmo e depois morro de vergonha.  
  
Acredito num deus de bondade, gordo, como disse Vadinho ao retornar do céu, no livro *Dona Flor e seus dois maridos*. Um deus de amor, que não culpa nem condena ninguém, um deus que deu aos homens um presente dos bons: o dar de comer como primeira manifestação amorosa.  
  
Assim sendo, a gula é consequência direta do prazer que se tem ao sugar o peito da mãe, envolvido por seus braços carinhosos. A fome já passou, mas vamos mamar mais um pouquinho, pois o prazer e o conforto que dá estar assim aninhado, tomando o leitinho, é o que existe de melhor neste mundo. Nasce aí a gula, como já disse, coisa boa demais.  
  
Ela rima muito bem com luxúria e preguiça, os prazeres se somando, ninguém devendo nada a ninguém. Continuo no exemplo de Dona Flor. Ela prepara uma moqueca de siri mole para Vadinho, preenchendo com a gula todos os prazeres dos sentidos: o cheiro de maresia, a flor do dendê amaciando a pele, deixando-a boa ao tato, a carapaça mal formada do siri crocando nos dentes, som e textura arrepiando o corpo, a beleza do amarelo do azeite com o vermelho das pimentas de cheiro, qual pitanguinhas ardidas enchendo os olhos, além, é claro, do sabor inigualável! Como não “pecar” três vezes? É saciar a gula e partir para o amor, o vento fresco, numa rede a balançar.  
  
Morar na Bahia e não sentir os chamados da gula diariamente é impossível. A nossa religião miscigenada não liga muito para os pecados. Nossos orixás são de carne e osso, gulosos, mas tão gulosos que é de obrigação alimentá-los com seus quitutes preferidos a cada festa. Os convidados também são chamados aos carurus dos Ibeges e de Iansã, onde, pelo sincretismo, tão entranhado em todo o nosso povo, comem também Cosme e Damião e Santa Bárbara. Que tal comer um caititu bem assadinho com Oxóssi, para vivar São Jorge a 23 de abril!?  
  
Além das comidas de santo, temos o nosso fast food particular, tradicional, mais que centenário: a baiana do acarajé e seu tabuleiro rico em iguarias. Quem precisa de um hambúrguer quando tem o acarajé fritinho na hora, recheado com camarão seco e vatapá? Eu, quando paro numa baiana, prefiro o abará com o mesmo recheio e uma pimentinha para aumentar o prazer, e pedir um bis em seguida, é claro. Os prazeres da gula que uma baiana de acarajé pode oferecer são infinitos: bolinho de estudante, cujo nome verdadeiro é “punheta”, peixe frito, passarinha, moquequinha de folha – hoje tem de sururu! – e cocadas variadas: branca, preta, de coco queimado, puxa... Iguarias que enchem a boca d’água, só de pensar nelas.   
  
Em um país como o nosso, tão contraditório, com uma cozinha original nascida da mistura de culturas e onde, ao mesmo tempo, tanta gente passa fome, a gula faz parte do sonho: morar melhor, respirar liberdade e comer não só para matar a fome, mas também para alegrar a boca, com o sabor especial de um doce desejado. Mudando do exemplo literário para o musical, como não sentir um arrepio de gula ouvindo João Bosco (ou Elis, ou Zélia Duncan) cantando: “...E a sobremesa é goiabada cascão com muito queijo, depois café, cigarro e um beijo de uma mulata chamada Leonor ou Dagmar”. Como negar que gula, luxúria e preguiça se associam de bom grado?  
  
O que quero dizer é que, independentemente de termos fome ou possibilidades de comer bem, a gula está impregnada em nossas raízes mais profundas. Não importam o preço ou a raridade do prato, algumas bocas enchem-se d’água à lembrança de um caviar Molossol com blinis, regado a champanhe francês de primeira qualidade. Mas quem resiste a um sanduíche de mortadela em pão francês crocante, acompanhado de um suco de maracujá (ou de manga, ou de caju...) fresquinho, feito da fruta naquela mesma horinha? Nosso DNA é guloso por natureza.  
  
Muitos hão de dizer que este é um Pecado, com P maiúsculo, pois faz mal à saúde das pessoas, faz engordar. O povo está obeso... Está mesmo? Se está, será pela gula, que traz prazer? Ou será pelo estresse do dia a dia, pelos desgostos gerados pelas crises que abundam, pela insegurança das cidades grandes? Quem come compulsivamente quantidades de hambúrgueres com refrigerante e milk shake o faz por gula, vício ou por desespero? Tema para uma tese acadêmica a resposta a esta pergunta. Os nutricionistas devem estar estudando o assunto. Eu, de minha parte, não vejo o exercício da gula como se empanturrar até morrer, e, sim, a possibilidade de comer a segunda fatia daquele bolo delicioso, ou outro abará, pois o primeiro estava dos deuses. Não se sentir culpado, mas feliz.  
  
A ira, a raiva dos outros e de si mesmo engorda mais que qualquer coisa. Comer com raiva é perigoso, pode fazer engasgar e morrer! Já a vaidade impede os prazeres da boca, a busca por corpos perfeitos, à base de dietas de fome, cria magros e magras bem tristes e nervosos, e, em consequência, feios. O comer com prazer é ato generoso, o inverso da avareza e da arrogância. Comer pouco e mal por decisão própria é coisa triste de se ver.  
  
A conclusão é que a gula, assim como suas irmãs, a luxúria e a preguiça, não rimam com os demais pecados ditos capitais, são opostos a eles. Não mereciam estar em tão triste e sórdida companhia.

Quem concordar, por favor, junte-se a mim num viva à gula: Viva a Gula!  
  
Paloma Jorge Amado vive sua gula em Salvador, onde é escritora, se dedicando a crônicas e livros infantojuvenis, com destaque para *Tio Tomás*. Também é de sua autoria *A comida baiana de Jorge Amado*, no qual compila receitas presentes nos livros de seu pai.